

MARAVILHAMENTOS, PANACEIAS, DESCARTES

A obra do paulistano Alê Jordão, sempre associada à certa exuberância visual, ganha novos contornos agora com a individual Paixão e Compulsão, realizada no Gabinete D. Não que ele tenha abdicado de algumas de suas assinaturas conhecidas _ o trânsito entre a cultura de rua o circuito das artes visuais contemporâneas, a multiplicidade formal de investigações plásticas, a contundência do discurso crítico-conceitual, por exemplo. No entanto, em Paixão e Compulsão, o recorte proposto por Marcelo Vasconcellos e Walton Hoffmann lança luzes em trabalhos recentes do artista que merecem outras considerações.

Nesse sentido, o conjunto de fotografias que reproduzem em grande escala tiquetes de compras e notas fiscais, em geral com transações de altos valores na aquisição de objetos de luxo, forma um dado novo na produção de Jordão. O conjunto de grafismos, esse item tão explorado pelo paulistano, não abriga nenhum tipo de atratividade visual. A listagem de dados daquilo que antes estava parcamente impresso em um papel que tem vida útil bastante finita, a priori, provocaria pouco interesse. Mas alguns detalhes, com o tamanho generoso, começam a intrigar o observador. O nome de uma grife famosa. O valor quase condenável de mais de 4.000 euros em um produto. Um agradecimento lacônico ao cliente. Diversos números que não sabemos para que servem. Portanto, esse mundo da circulação maximizada, que poderia ganhar uma tradução palpável e concreta com a apresentação do que poderia ser, cogitando, um presente caro, é exibido apenas com indícios pouco determinados e de contornos borrados para a nossa análise. Esse mercado de luxo, tão característico desses tempos, gera, então, mais indagações do que respostas prontas.

Para quem conhece a obra de Jordão, a fotografia que cria uma espécie de massa multicolorida constituída dos cerca de 3.000 pares de tênis do artista é um registro mais próximo do que se espera dele. Esse consumo exagerado se mescla à própria história do autor e a apresentação desse universo de logos e marcas que, reunidos à exaustão, perde uma de suas funções

primevas, segundo a publicidade deles: a identidade e a singularidade de, ao usarmos um desses pares, nos distinguirmos do ‘resto’. “Sendo uma das mais evidentes marcas de status social e de gênero _ útil, portanto, para manter ou subverter fronteiras simbólicas _, o vestuário constitui uma indicação de como as pessoas, em diferentes épocas, veem sua posição nas estruturas sociais e negociam as fronteiras de status”¹, escreve a teórica Diana Crane.

A seleção de Vasconcellos e Hoffmann, então, cria fricções nesse corpus criativo de Jordão. A ostensividade dos numerosos tênis ladeiam letras, números e cifras de documentos fiscais em grande escala. Há, sim, alguma perturbação como tom no conjunto proposto pela curadoria, que ainda abre espaço para tridimensionais construídos com restos de automóveis e que podem homenagear Flavin; imagens de prosaicos frangos como que a ilustrar enredos distópicos de sci-fi, com cores excessivamente artificiais; gabinetes vintage de medicamentos a abrigar pequenas esculturas que evocam objetos de imprecisa utilização anterior; apropriação de ícones urbano-religiosos colocados com fins provocativos e, ao mesmo tempo, motivar comportamentos afetivos.

“Mesmo que as obras já não sejam contempladas no recolhimento, mesmo que a relação com a arte esteja amplamente sujeita à lógica nômade do hiperconsumo, o certo é que a experiência estética funciona, para um número crescente de pessoas, como um ingrediente da felicidade”², frisa Gilles Lipovetsky. Assim, Paixão e Compulsão tem mais a acrescentar nesse curto-circuito complexo de imagens, circulação e compartilhamento das ‘sensações’ contemporâneas. Seja por estratégias mais escancaradas, seja por proposições mais sorrateiras, a mostra faz a obra de Alê Jordão dar mais alguns saltos, já inicialmente esboçados e exibidos na anterior Spectrum, também de 2015.

Mario Gioia, março de 2015

¹ CRANE, Diana. *A moda e seu papel social*. São Paulo, Senac São Paulo, 2006, p. 21

² LIPOVETSKY, Gilles. *A Felicidade Paradoxal*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007, p. 357